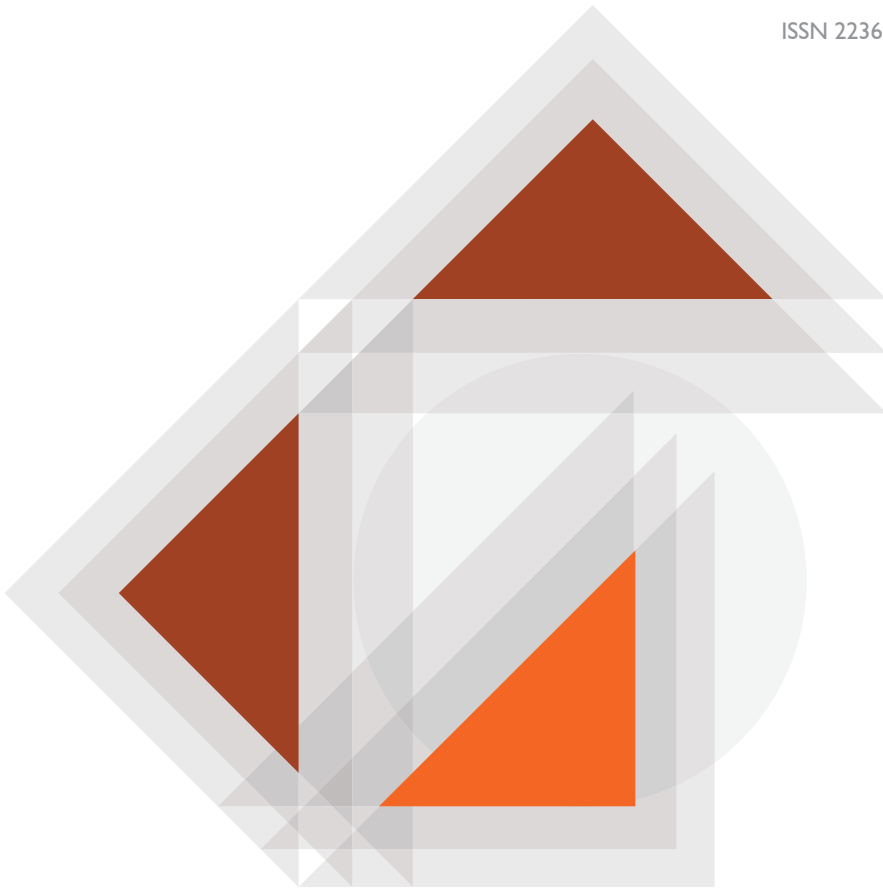




ANAIS DO XXXII COLÓQUIO CBHA 2012

DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

Universidade de Brasília

Outubro 2012



A poética política de Paulo Bruscky

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Sempre gostei de trabalhar com vários meios, pela questão de acessibilidade; interessa-me muito que minha obra atinja um público grande e não só um público específico que vai a museus e galerias. Por isso trabalhei com várias mídias e acho que arte é para circular.

Paulo Bruscky

Resumo: No contexto contemporâneo em que a História da Arte dialoga com outras disciplinas, a obra/projeto de Paulo Bruscky é importante para repensar uma nova abordagem artística que leva em conta a contribuição da micropolítica. Esta se apresenta através de ações e intervenções no corpo e na cidade. Palavras-chave: Arte Contemporânea Micropolíticas

Abstract: In the contemporary context in which art history dialogues with other disciplines, the work/project of Paulo Bruscky is important to rethink a new artistic approach which takes into account the contribution of micropolitics. This is presented through actions and interventions in the body and in the city.

Keywords: Art Contemporary Micropolitics

Gente é para brilhar e arte é para circular

Na perspectiva de fazer a obra circular para atingir grandes públicos, experimentando vários meios, suportes

e materiais, Paulo Bruscky emergiu no cenário artístico brasileiro e internacional como uma figura singular.¹ Seu porto seguro é Recife, cidade que ama e onde sempre atuou, desde os anos 1960, realizando *performances*, intervenções urbanas, produções culturais e onde possui um ateliê borgeano: um território com arquivos, documentos, cartas, poemas, livros, revistas, obras de arte e objetos diversos que pertencem à sua coleção. Na verdade, o verdadeiro ateliê, o laboratório de criação do artista, é a sua mente, a sua sensibilidade, o seu corpo.

Paulo Bruscky usa o corpo para comunicar ideias poéticas e políticas, revelando uma poesia em campo expandido, que dialoga com várias expressões artísticas, perpassa sua vida e obra e se manifesta na atitude transgressora, crítica e experimental. Como ele afirma em seu depoimento, “na minha obra está sempre presente a pesquisa, o acaso e a ousadia, o experimentar sempre”.²

Bruscky pertence a uma geração de artistas experimentais que emergiu nos anos 1960 e que usou a arte como uma maneira de se inserir no contexto das transformações que ocorriam na sociedade contemporânea e se manifestavam no campo político, comportamental e cultural.

A postura crítica e investigadora de Bruscky incide sobre várias mídias – os correios, o postal, o xeróx, o mimeógrafo, o vídeo, o livro, os classificados dos jornais –

¹ Esta comunicação teve como ponto de partida o projeto Circuito Atelier da Editora C/Arte, que se desdobrou na publicação de um livro, um *clipping* e uma exposição de Paulo Bruscky.

² Depoimento de Paulo Bruscky in: RIBEIRO, Marília Andrés; DRUMMOND, Marconni. Paulo Bruscky – depoimento. Belo Horizonte: C/Arte, 2011. p. 13. (Coleção Circuito Atelier)

e utiliza vários suportes e materiais – o corpo, a cidade, o carimbo e os objetos que o artista encontra ao acaso e os transforma em obra de arte.

Como pontua a pesquisadora Cristiana Tejo, salientando o experimentalismo conceitual e a inserção de Bruscky no contexto histórico:

Paulo Bruscky costuma repetir que arte é uma forma de ver e não de fazer. Essa afirmação sintetiza o pensamento de toda uma geração de artistas que emerge entre os anos 1960/70. O protagonismo do conceito em detrimento do resultado formal do trabalho artístico significa, também, uma virada da arte ao entorno, à vida, ao mundo.³

Diálogos internacionais: os precursores inventores

Essa atitude também está presente nas propostas dos artistas que Bruscky admira e dialoga: John Cage, Yves Klein, Robert Rauschenberg, Ulises Carrión, Hélio Oiticica, entre outros que atuaram nos anos 1960/70. Esses precursores discutiram questões relacionadas às possibilidades de experimentar a arte num campo ampliado, rompendo as fronteiras que delimitavam as diferentes expressões artísticas convencionais. Inseriram a arte na vida cotidiana e buscaram um diálogo com o público participante. As aulas e os concertos de John Cage no Black Mountain College, em Nova York, tornaram-se paradigmas de uma nova maneira de experimentar o som, através de *performances* e *happenings* multimídias; a pesquisa de Yves Klein com o vazio transcendeu o espaço do cubo branco da galeria e se expandiu pelas ruas de Paris; a postura questionadora

³ TEJO, Cristiana. Paulo Bruscky. Arte em todos os sentidos. Recife: Zoludesign, 2009. p. 9.

de Robert Rehdfeld, integrante do movimento Fluxus na Alemanha Oriental, abriu caminho para intervenções poéticas libertárias na cortina de ferro; os livros de artista criados por Ulises Carrión apresentaram uma “nova arte de fazer livros”, pautada pela desconstrução do livro tradicional; e a atitude questionadora, os projetos ousados e a vida conturbada de Hélio Oiticica, criador da “Tropicália” e dos “Parangolés”, o levaram a experimentar o espaço, o corpo e a relação com as comunidades da periferia de uma forma radical e singular. São esses artistas, transgressores e inventores de uma nova maneira de fazer arte dentro de um campo expandido, aberta à participação do público, que se tornaram exemplares na perspectiva de Paulo Bruscky.

O universo da Micropolítica

Desde os anos 1970, Bruscky participa do movimento Arte Correio, o que lhe possibilitou intercambiar ideias, dialogar com artistas e grupos dos mais distantes lugares do planeta, informar-se dos acontecimentos políticos e fazer diversos projetos/obras para veicular suas ideias poéticas e políticas, potencializando seu objetivo de atingir grandes públicos. Esse fluxo de ideias que se intercambiava numa rede de comunicação artística possibilitava aos artistas transgredir as normas vigentes, contestar as instituições estabelecidas e o autoritarismo dos regimes políticos de esquerda ou de direita.

O encontro da poética e da política, por meio da obra de arte, está presente nas reflexões contemporâneas sobre

a micropolítica, substituindo a noção de política partidária, sindical, revolucionária ou reacionária, pela noção de uma política que leva em conta questões específicas e cotidianas referentes à comunidade, à ecologia, ao gênero, às minorias, aos desejos, afetos e subjetividades. A micropolítica, discutida por Guattari⁴ e herdeira do pensamento de Foucault,⁵ implica no questionamento filosófico do saber e do poder instituído, visando criar estratégias de subjetivação e espaços singulares de configuração de vida e obra. No campo da arte a micropolítica está presente nos projetos artísticos que visam questionar as categorias estéticas, o sistema de arte, o comportamento e as atitudes estabelecidas, através de propostas, intercâmbios, ações e *performances*, visando provocar o espectador ativo.

Dentro desse universo da micropolítica se insere a obra de Bruscky, discutindo problemas específicos, cotidianos, e também questões existenciais e universais, em contraposição às normas institucionais impostas pelo sistema de arte e pela sociedade capitalista globalizada. Nessa perspectiva, Bruscky está sempre inventando objetos, projetos e circuitos poéticos singulares. A atitude transgressora e criativa de Bruscky é a marca de seu trabalho: seja carimbando envelopes de cartas com as palavras “Assim se fax arte”, “Cotidiarte”, “Envelopoema”; seja deixando a marca de seu corpo no mimeógrafo a álcool; realizando pinturas com pneus de carro; inserindo anúncios nos classificados dos jornais, que falam de “poesia

⁴ GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. Micropolítica. Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2008.

⁵ FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. São Paulo: Graal, 2012.

sonora”, de “vervendo”, de “saudade”; desconstruindo o livro tradicional para construir uma nova maneira de fazer livros.

A mesma atitude transgressora e criativa se expande no corpo e nas performances do artista e também nas intervenções que Bruscky realiza nas cidades, no corpo social, seguindo a perspectiva aberta pelos Situacionistas franceses e também pelos artistas do movimento Fluxus, com os quais Bruscky dialogava nos anos 1970. Assim como os Situacionistas, liderados por Debord, mapearam afetivamente a cidade de Paris, transformando-a em um território de liberdade⁶ e, ainda, assim como os artistas Fluxus, liderados por Maciunas, fizeram intervenções poéticas e políticas nas galerias, lofts e ruas das cidades de Nova York, Paris e Dusseldorf,⁷ Bruscky escolheu Recife, a sua cidade natal, como ponto nevrálgico para suas intervenções e performances.

A poética de Recife

O artista nos fala de Recife como uma cidade açucareira, de famílias tradicionais, “mas é Recife, e eu amo a minha cidade! É uma cidade que geograficamente, inclusive, pode ser trabalhada como suporte; ela tem uma geografia fantástica para intervenções urbanas como os rios, as pontes, as praias, os arrecifes”.⁸

⁶ JARAUTA, Francisco; MAUBANT, Jean-Louis. *Microutopias*. Arte&Arquitetura. In: 2ª Bienal de Valencia. La ciudad ideal. Generalitat Valenciana, Valencia, 8 junio-30 septiembre, 2003, p. 286-327.

ESTELLA, Iñaki. Fluxus. San Sebastian: Editorial Nerea, 2012. (Coleccion Arte Hoy)

⁸ Depoimento de Bruscky, *Op. cit.*, p. 17.

Explorando a geografia da cidade, Bruscky realizou em Recife várias ações, *performances*, exposições ao ar livre, festivais internacionais, transformando-a num importante centro urbano de arte contemporânea. Nos anos 1970, realizou as intervenções: “Exponaútica e Expogente” (1970), exposições de pessoas e objetos na Praia de Boa Viagem, e o “Velório da Arte” (1971), uma proposta de arte cemiterial que está sendo resgatada na exposição atual do Instituto Tomie Ohtake em São Paulo.⁹ Em parceria com Daniel Santiago, realizou as exposições: “Arteexpocorponte” (1971) nas pontes Duarte Coelho e Boa Vista; “Com(c)(s)(?)ereto Sensorial” (1972) na Faculdade de Filosofia de Recife; “Artemcágado” (1972), exposição de cágados ornamentados, na Praça da Independência; “O enterro aquático” (1972), em que atirou um ataúde no rio Capibaribe; “Chantecler” (1974), apresentada no baixo meretrício do cais do Porto, e a mostra “Nadaísmo” (1974), na Galeria Nêga Fulô, uma exposição-denúncia, em que havia apenas um banquinho dentro da galeria vazia para o artista expor a sua denúncia contra a ditadura militar, as torturas e mortes dos militantes políticos nas prisões brasileiras.

Arte Correio e a circulação de ideias

Nesse momento de repressão política no Brasil, as ações radicais e metafóricas de Bruscky provocaram a ira dos militares, o que resultou na sua prisão. O artista

⁹ Ver Paulo Bruscky. Banco de Ideias, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, 4 de setembro a 28 de outubro de 2012.

lembra que quando estava preso disseram para ele que “a Arte Correio era um movimento comunista internacional”.¹⁰ Naquele momento, a Arte Correio possibilitava intercambiar ideias, incentivar ações libertárias e lutar pela liberdade de expressão dentro dos regimes totalitários de direita ou de esquerda.

A partir dos anos 1980, Bruscky intensifica sua participação no movimento de Arte Correio Internacional. Ele considera esse movimento como precursor das redes comunicacionais que se estabeleceram através da internet, e nessa perspectiva, cunhou o termo “e-mail art”. Nas palavras de Bruscky:

A internet foi uma consequência lógica da Arte Correio, uma questão de multiplicidade, porque a Arte Correio utiliza os correios, e eu não gosto de utilizar o termo Arte Postal, porque o postal é um dos elementos veiculado pelos correios. A Arte Correio abrange o selo, o envelope, tudo o que se veicula, o telegrama, o telex, etc.¹¹

A Arte Correio é um desdobramento da Arte Conceitual que privilegia o conceito, a ideia, a proposta do artista, e nesse caso, propõe veicular a ideia através dos correios. A pesquisadora Paula Braga salienta que a rede torna-se suporte das obras de arte muito antes do advento das redes sociais, dos *chats*, do relacionamento virtual e lembra que artistas como Paulo Bruscky, Helio Oiticica e Cildo Meireles já trabalhavam com a proposta de arte como circulação de ideias políticas dentro de uma rede comunicacional.¹²

¹⁰ Depoimento de Bruscky. *Op. cit.* p. 25.

¹¹ *Ibidem*, p. 14.

¹² BRAGA, Paula. A rede como suporte da obra de arte. In: GERALDO, Sheila Cabo. *Trânsito entre arte e política*. Rio de Janeiro, Quartet/FAPERG, 2012. p. 66-76. A autora analisa os “Newyorkaises” de Oiticica e os “Circuitos Ideológicos” de Cildo Meireles

Nesse universo risomático, as “obras-proposições” de Bruscky constituem um “banco de ideias” importantíssimo para a discussão da Arte Conceitual.

Compartilho com a historiadora Cristina Freire a ênfase conceitual presente na obra de Paulo Bruscky e o pensamento que sublinha a ironia e o lúdico como dispositivos usados pelo artista na configuração de sua poética. Segundo as palavras de Freire:

Bruscky tenta ressuscitar o *homo ludens* adormecido em cada um de nós. Destrona o hegemônico valor econômico e elege, como guia de sua poética, a imaginação e o lúdico aliados à irreverência e ao humor.¹³

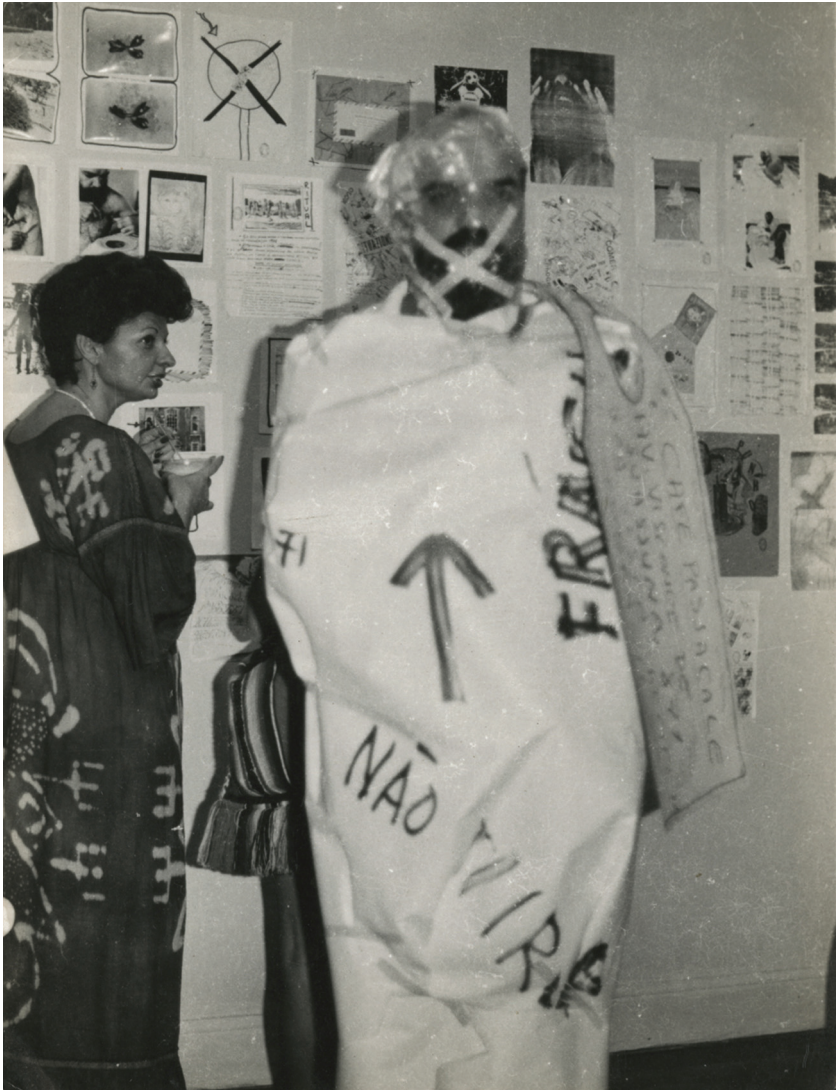
Considero a obra de Bruscky exemplar para o conhecimento da arte contemporânea brasileira, ao lado das proposições de Hélio Oiticica, Artur Barrio, Cildo Meireles, Antônio Manoel e Luciano Gusmão, entre outros artistas que emergiram nos anos 1960/70. E, ainda, torna-se uma obra instigante para a discussão das direções e sentidos da história da arte, levando em consideração a expansão do campo artístico e os diálogos interdisciplinares.

como exemplo de obras que usam a rede como agente político.

¹³ FREIRE, Cristina. Paulo Bruscky. Arte, arquivo e utopia. São Paulo: Companhia Editora de Pernambuco, 2006. p. 23.



Paulo Bruscky - series Envelopes, 1977, 1995



Paulo Bruscky - Individual no Passacale, Recife, 1981 - Performance postal



Paulo Bruscky - Alto Retrato Paulo Bruscky - Recife, 1981 - Edições Pirata Geração 65